



# *Editorial*

UNIDAD DE ANÁLISIS POLÍTICO Y SEGURIDAD CORPORATIVA

## ANÁLISE DE SITUAÇÃO

### **GLOBAL**

As guerras na Ucrânia e no Irã colocam o sistema alimentar global em xeque, ainda mais do que o petróleo

### **REGIONAL**

Crise energética no Equador e a falta de integração regional na América Latina para enfrentar este impasse

### **LOCAL**

A alta da taxa de juros e seus efeitos sobre o cenário eleitoral e o crescimento em 2026



# A fome como arma geopolítica

As guerras na Ucrânia e no Irã colocam o sistema global de alimentos em xeque, até mais do que o petróleo.

Fonte: Ipesfood, 2022

**L** As guerras na Ucrânia e no Irã estão colocando o sistema alimentar global sob forte pressão, em alguns aspectos de forma ainda mais crítica do que o petróleo. Os conflitos atuais na Ucrânia e no Golfo Pérsico constituem nós críticos do sistema alimentar global.

Antes do início da invasão em 2022, Ucrânia e Rússia concentravam mais de 54% do comércio mundial de trigo, cevada e aveia, além de serem fornecedores-chave de milho, óleo de girassol e fertilizantes. Países como Egito, Líbano e Paquistão dependiam da Ucrânia para mais de 80% de suas importações de trigo, de modo que a guerra teve um impacto direto sobre a disponibilidade real de alimentos, e não apenas sobre os preços.

Diferentemente do petróleo, os grãos básicos não possuem substitutos imediatos, o que os torna insumos críticos para a segurança alimentar, especialmente em países de baixa e média renda, inclusive naqueles que não dependem diretamente da Rússia ou da Ucrânia em suas cadeias de suprimento.

A guerra não se limitou a interromper exportações, uma vez que também reduziu de forma estrutural a capacidade produtiva da Ucrânia. Em 2025, as exportações de grãos ucranianos ainda eram 35% inferiores às de 2020, como resultado de terras minadas, destruição da infraestrutura agrícola, escassez de mão de obra e ataques sistemáticos a portos e silos. [\(IDIAT, 2025\)](#).

**“O sistema alimentar global já não é resiliente. É vulnerável.”**

A isso somou-se o colapso definitivo da Iniciativa de Grãos do Mar Negro — apesar das tentativas de reativação — que havia permitido o escoamento de cerca de 33 milhões de toneladas de alimentos para os mercados globais, contribuindo para a estabilização de preços e para a prevenção de crises de fome (La República, 2025). Esse dano não é reversível no curto prazo, e seus efeitos começam a se manifestar atualmente, uma vez que implicaram ciclos agrícolas perdidos, degradação do solo e perda de confiança logística, com impactos projetados tanto sobre as colheitas atuais quanto futuras.

Paralelamente, os fertilizantes consolidaram-se como um multiplicador silencioso do choque alimentar global. A Rússia é um dos maiores exportadores mundiais de nitrogênio, fosfatos e potássio, insumos que sustentam até 50% da produção alimentar moderna ([Prensa Latina, 2025](#)).

As sanções, as restrições logísticas e a deterioração das rotas do Mar Negro elevaram os custos e reduziram a disponibilidade global de fertilizantes. Diferentemente da energia, esses insumos não são substituíveis: os agricultores tendem a reduzir doses ou a área plantada, o que se traduz — com defasagem — em menores rendimentos futuros. Esse efeito torna o impacto potencialmente mais profundo e duradouro do que uma crise do petróleo, cujos ajustes costumam ser mais rápidos.

A esse cenário somou-se, há pouco mais de 40 dias, a guerra entre Irã, Estados Unidos e Israel, que abriu uma nova frente de disrupção nos gargalos alimentares globais. O conflito gerou um fechamento de facto do Estreito de Ormuz, por onde transita não apenas petróleo, mas também cerca de 33% do comércio mundial de fertilizantes nitrogenados, além de uma parcela significativa do comércio de grãos e alimentos refrigerados destinados à África e à Ásia.

Simultaneamente, a crise no Mar Vermelho e no Canal de Suez configurou um cenário inédito de duplo bloqueio marítimo.

Diferentemente do petróleo, alimentos perecíveis, fertilizantes e insumos agrícolas carecem de amplas reservas estratégicas e de elasticidade logística, o que limita severamente seu redirecionamento ([Jarsking, 2026](#); [The New York Times, 2026](#)).

A FAO tem demonstrado que esses conflitos já estão pressionando para cima o Índice de Preços dos Alimentos, mesmo quando os estoques ainda parecem relativamente confortáveis. O ponto crítico, segundo o organismo, é uma questão de tempo: se o conflito ultrapassasse os 40 dias, os agricultores enfrentariam decisões estruturais — plantar menos, usar menos fertilizantes ou mudar de cultura — que comprometeriam a oferta global futura ([FAO, 2026](#)). Embora recentemente Estados Unidos e Irã tenham anunciado um cessar-fogo de duas semanas, o sistema alimentar permanece muito mais vulnerável do que o energético, e tal trégua ainda não garantiu a reabertura plena do Estreito de Ormuz. Organismos como a FAO e o IFPRI alertam que choques alimentares geram instabilidade política, migração forçada e conflitos secundários — efeitos que raramente são produzidos por choques petrolíferos isoladamente ([Iran International, 2026](#)).





“Quando o alimento se torna uma variável geopolítica, a estabilidade global deixa de depender do poder e passa a depender da sobrevivência.”

Fonte: Programa mundial de alimentos, 2022

Por fim, emerge um risco sistêmico: a fome como gatilho de crises em cascata no âmbito internacional. O Programa Mundial de Alimentos e as Nações Unidas advertiram que conflitos prolongados na Ucrânia e no Oriente Médio podem levar a níveis recordes de insegurança alimentar, especialmente na África, no Oriente Médio e no Sul da Ásia. A história demonstra que o aumento do preço de alimentos básicos — como o pão — produz efeitos políticos imediatos, como ocorreu durante a Primavera Árabe ou nos protestos do Sri Lanka, Haiti e Sudão ([The Jerusalem Post, 2026](#)). Em suma, as guerras na Ucrânia e no Oriente Médio não apenas pressionam os mercados; elas desarticulam os pilares físicos, logísticos e produtivos do sistema alimentar global, chegando inclusive a gerar crises migratórias motivadas por fome e escassez. Dado que esses impactos são cumulativos, manifestam-se com defasagem e afetam diretamente a estabilidade social e política, o risco geopolítico alimentar hoje é potencialmente mais disruptivo do que o energético e deveria ocupar um lugar central em qualquer esforço sério de desescalada e paz.

## Crise energética no Equador e a falta de integração regional na América Latina para enfrentar este impasse

**A** guerra tarifária entre Equador e Colômbia não é apenas uma disputa comercial bilateral; ela representa a expressão econômica de uma crise de cooperação na segurança fronteiriça.

O que começou como um desacordo político acabou sendo transferido para o comércio, com efeitos que vão além de ambos os governos: alterou a dinâmica da fronteira, afetou cadeias logísticas, encareceu setores produtivos e colocou em risco o emprego de milhares de pessoas que dependem do intercâmbio transfronteiriço. Nesse sentido, o problema não reside unicamente nas tarifas, mas na incapacidade de conter uma escalada cujos custos regionais serão difíceis de reverter no curto prazo ([Ecuavisa, 2026](#)).

A dimensão regional do problema torna-se evidente na velocidade e na profundidade da escalada. Em poucas semanas, as tarifas passaram de 30% para 50%, configurando uma dinâmica de retaliações que deteriorou a confiança entre ambos os governos e transferiu incerteza para empresários, transportadores e trabalhadores dos dois lados da fronteira([Ecuavisa, 2026](#)).

Essa situação é especialmente delicada porque a fronteira entre Equador e Colômbia não é apenas uma linha de controle político, mas um espaço de articulação econômica e social no qual convergem comércio formal, serviços logísticos, emprego direto e indireto e o abastecimento de bens essenciais.

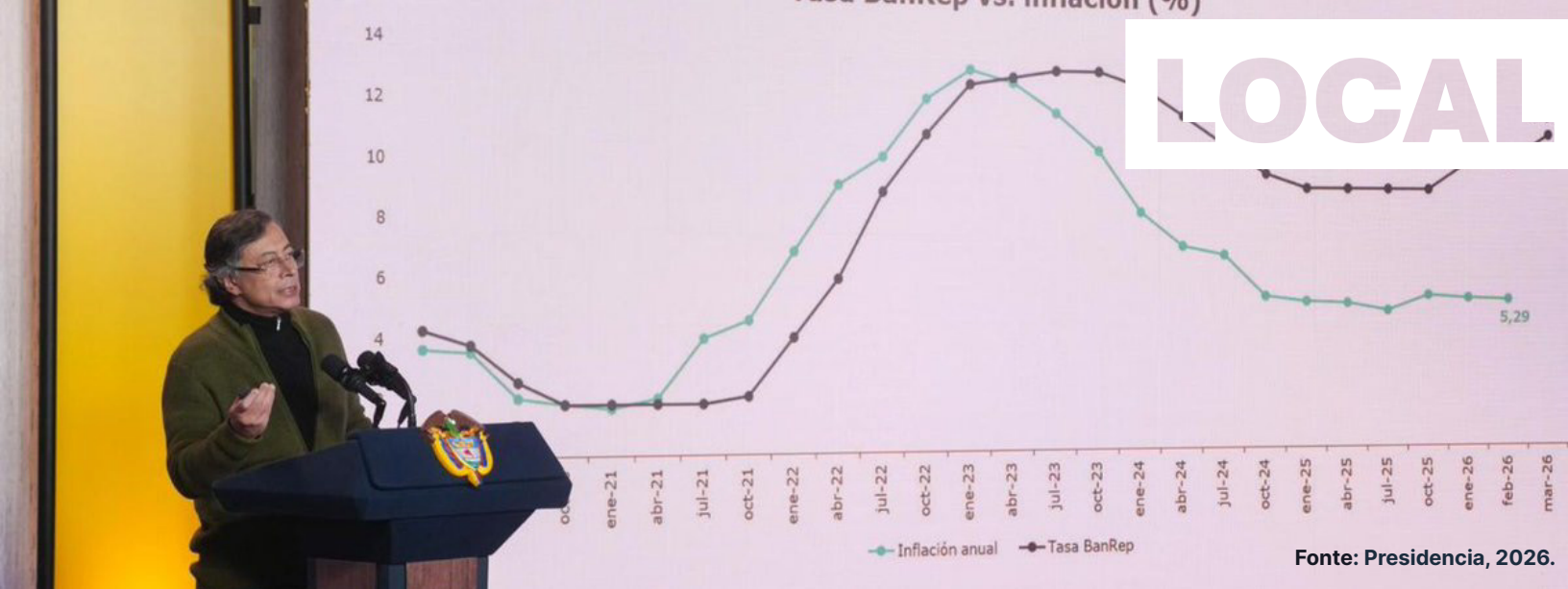
Os números reportados pela imprensa mostram que o impacto já ultrapassou o plano diplomático. As perdas acumuladas entre fevereiro e março superam US\$ 340 milhões, enquanto as exportações colombianas para o Equador caíram 69,3% e as importações equatorianas da Colômbia foram reduzidas em mais de 66%, com volumes de comércio que chegaram a cair acima de 70% em alguns indicadores (El Colombiano, 2026). Isso revela que não se trata de uma simples correção temporária do intercâmbio, mas de uma contração severa que atinge a estrutura produtiva regional e coloca em risco a sustentabilidade de setores altamente dependentes do mercado binacional.

Além disso, a crise possui um claro impacto territorial. A região IpiALES-Tulcán, bem como províncias e departamentos como Carchi e Putumayo, aparecem como os espaços mais vulneráveis, uma vez que o comércio fronteiriço é uma fonte central de renda, emprego e circulação de mercadorias (El Comercio, 2026). Quando esse fluxo é restringido, não apenas exportações e importações diminuem: o transporte de cargas é paralisado, a renda das famílias se deteriora, os custos de produção aumentam e aprofunda-se o risco de desabastecimento em setores sensíveis como energia, saúde e insumos industriais (El Colombiano, 2026).



Fonte: Poder Informativo, 2026

Embora o Equador tenha registrado um superávit comercial de US\$ 62,9 milhões em meio à crise, esse dado não deve ser interpretado como um sinal de êxito regional. Pelo contrário, reflete uma distorção conjuntural da balança comercial que convive com um deterioro mais amplo do tecido econômico e empresarial, além de uma ruptura do espírito de integração que historicamente caracterizou a relação binacional (Semana, 2026). Nesse sentido, a guerra comercial não apenas coloca dois governos em campos opostos, mas também expõe o alcance limitado — ou o silêncio — dos espaços regionais e diplomáticos chamados a promover soluções cooperativas diante de uma crise que já produz efeitos concretos sobre a fronteira e a integração econômica.



## Equipe de Análise

UNIDAD DE ANÁLISIS POLÍTICO Y SEGURIDAD CORPORATIVA



**Andrea Mojica**  
Consultora Sênior



**Camilo Jácome**  
Consultor Júnior

# A alta da taxa de juros e seus efeitos sobre o cenário eleitoral e o crescimento em 2026

**A** decisão do ministro da Fazenda, Germán Ávila, de se retirar da reunião do Conselho do Banco da República após o aumento da taxa de juros para 11,25% constitui um episódio institucional de alto impacto que transcende o âmbito técnico e se insere plenamente no contexto eleitoral de 2026.

Embora o ministro presida formalmente o Conselho, sua saída do debate enviou um sinal político claro: o desacordo do Executivo com uma política monetária que prioriza o controle da inflação em detrimento do estímulo ao crescimento. Esse episódio expôs perante a opinião pública uma tensão estrutural entre o Governo e a autoridade monetária, com implicações diretas para a narrativa econômica da campanha presidencial (El Colombiano, 2026).

Sob a ótica do Banco da República, o aumento de 100 pontos-base responde a um arcabouço técnico bem definido: inflação persistentemente acima da meta, expectativas desancoradas e pressões salariais — como o aumento do salário-mínimo — que ameaçam a estabilidade de preços. O presidente do Banco enfatizou que, com exceção do ministro, todos os membros do Conselho atuam de forma independente e de acordo com o mandato constitucional de preservar o poder de compra da moeda, mesmo que isso implique desacelerar a economia no curto prazo. Essa posição reafirma a autonomia do Banco e seu papel como âncora de credibilidade macroeconômica, especialmente em um contexto pré-eleitoral no qual as pressões políticas por um afrouxamento da política monetária tendem a se intensificar (Portafolio, 2026a).

# LOCAL

Ainda assim, um dos eixos centrais do debate gira em torno da afirmação de que taxas elevadas prejudicam principalmente o setor financeiro — argumento que exige uma distinção fundamental.

É verdade que, quando o Banco da República eleva a taxa, os bancos enfrentam um aumento imediato em seu custo de captação: operações compromissadas com o Banco Central, o mercado interbancário e novas captações tornam-se mais caras, gerando pressões de curto prazo sobre seus balanços. No entanto, esse impacto inicial não equivale a um dano estrutural. Na prática, o sistema financeiro possui a capacidade de repassar — e geralmente ampliar — esse maior custo por meio do ajuste das taxas de crédito, do refinanciamento de empréstimos a taxa variável e da concessão de novos créditos em condições mais restritivas (Portafolio, 2026b).

O resultado líquido costuma ser um aumento ou, ao menos, a proteção das margens de intermediação, salvo em cenários de deterioração severa da carteira de crédito. Em contraste, aqueles que não possuem essa capacidade de repasse — famílias endividadas, pequenas e médias empresas e setores intensivos em crédito — enfrentam o impacto pleno das taxas elevadas, o que explica por que o ônus real do ajuste monetário recai fora do sistema financeiro (El País, 2026).

Em termos de crescimento, a política monetária restritiva limita o investimento privado e mantém a economia em uma trajetória de expansão moderada, mais apoiada no consumo corrente do que na acumulação de capital produtivo.

Do ponto de vista político, essa dinâmica alimenta um conflito distributivo evidente: enquanto o Banco Central defende uma decisão técnica orientada à estabilidade de preços, o Governo busca capitalizar eleitoralmente o descontentamento dos setores que sentem de forma mais imediata o custo do crédito. Isso é visível após o anúncio do governo de apresentar uma nova reforma tributária e incluir um subsídio aos fertilizantes. Assim, a taxa de juros torna-se um símbolo do debate econômico de 2026, pois não apenas reflete uma discussão sobre inflação e crescimento, mas também articula narrativas sobre equidade, poder financeiro e o papel do Estado na economia

Em última instância, mais do que um instrumento técnico, a taxa transforma-se em um eixo de disputa política que influenciará tanto a percepção cidadã quanto o resultado eleitoral. Tudo isso deve ser analisado em um contexto global marcado por pressões inflacionárias decorrentes do ambiente geopolítico de conflito, que condiciona a política monetária do país tanto por fatores internos quanto externos (La República, 2026).



# REFERÊNCIAS

IDIAT. (2025, 26 de agosto). Rusia sufre desplome en exportaciones de granos y arrastra a Ucrania en crisis global. <https://idiat.org/publicacion/articulo/rusia-sufre-desplome-en-exportaciones-de-granos-y-arrastra-a-ucrania-en-tesis-global>

La República. (2025, 28 de marzo). EE.UU. y Rusia buscan reactivar la Iniciativa de Grano del Mar Negro en medio del conflicto en Ucrania. <https://larepublica.es/2025/03/28/ee-uu-y-rusia-buscan-reactivar-la-iniciativa-de-grano-del-mar-negro-en-medio-del-conflicto-en-ucrania/>

Prensa Latina. (2025, 14 de junio). Crece cuota de Rusia en el mercado mundial de fertilizantes. <https://www.prensa-latina.cu/2025/06/14/crece-cuota-de-rusia-en-el-mercado-mundial-de-fertilizantes/>

Jarsking. (2026, 10 de marzo). Crisis del Mar Rojo 2026: Cómo la guerra con Irán está asfixiando el comercio mundial. <https://www.jarsking.com/es/red-sea-crisis-2026-how-the-iran-war-is-choking-global-trade/>

The New York Times. (2026, 31 de marzo). La economía mundial resiente los efectos de la guerra en Irán. <https://www.nytimes.com/es/2026/03/31/espanol/negocios/crisis-economica-iran-guerra-petroleo.html>

Food and Agriculture Organization of the United Nations. (2026, 3 de abril). FAO Food Price Index rises in March as Near East conflict raises energy costs. <https://www.fao.org/newsroom/detail/fao-food-price-index-rises-in-march-as-near-east-conflict-raises-energy-costs/en>

Iran International. (2026, 8 de abril). Iran says Hormuz closed as fragile truce holds ahead of US talks. <https://www.iranintl.com/en/liveblog/202604067622>

The Jerusalem Post. (2026, 3 de abril). World food prices set to continue soaring if Iran war persists, says UN report. <https://www.jpost.com/middle-east/iran-news/article-892005>

Ecuavisa. (2026, 27 de febrero). 37 días de la guerra comercial entre Ecuador y Colombia resumidos en nueve hechos. <https://www.ecuavisa.com/politica/cronologia-guerra-aranceles-ecuador-colombia-tasa-seguridad--20260227-0037.html>

El Colombiano. (2026, 25 de marzo). Guerra comercial entre Colombia y Ecuador ya ha dejado pérdidas por más de US\$340 millones. <https://www.elcolombiano.com/negocios/aranceles-colombia-ecuador-crisis-perdidas-millones-dolares-2026-EO34908963>

El Comercio. (2026, 24 de marzo). Crisis arancelaria entre Ecuador y Colombia deja pérdidas millonarias. <https://www.elcomercio.com/lideres/crisis-arancelaria-entre-ecuador-y-colombia-deja-perdidas-millonarias/>

Semana. (2026, 4 de abril). En medio de tensión arancelaria, Ecuador registró un superávit de USD 62 millones, tras dos meses de guerra comercial con Colombia. <https://www.semana.com/mundo/articulo/en-medio-de-la-tension-arancelaria-ecuador-registro-un-superavit-comercial-de-62-billones-tras-dos-meses-de-guerra-comercial/202615/>

El Colombiano. (2026, 31 de marzo). Banco de la República sube la tasa de interés a 11,25%, defiende la decisión y niega que se favorezca al sector financiero. <https://www.elcolombiano.com/negocios/aumento-tasa-de-interes-11-25-porciento-banco-de-la-republica-MG35117694>

MSN. (2026, 5 de abril). El Banco de la República quedaría a merced del entorno y de factores internos. <https://www.msn.com/es-co/noticias/other/el-banco-de-la-rep%C3%BAblica-que-%C3%ADa-a-merced-del-entorno-y-de-factores-internos/ar-AA20dv1R>

MSN. (2026, 5 de abril). Análisis: las razones tras bambalinas del choque por la subida de las tasas de interés para abril en Colombia. <https://www.msn.com/es-co/noticias/other/an%C3%A1lisis-las-razones-tras-bambalinas-del-choque-por-la-subida-de-las-tasas-de-inter%C3%A9s-para-abril-en-colombia/ar-AA20cq4h>

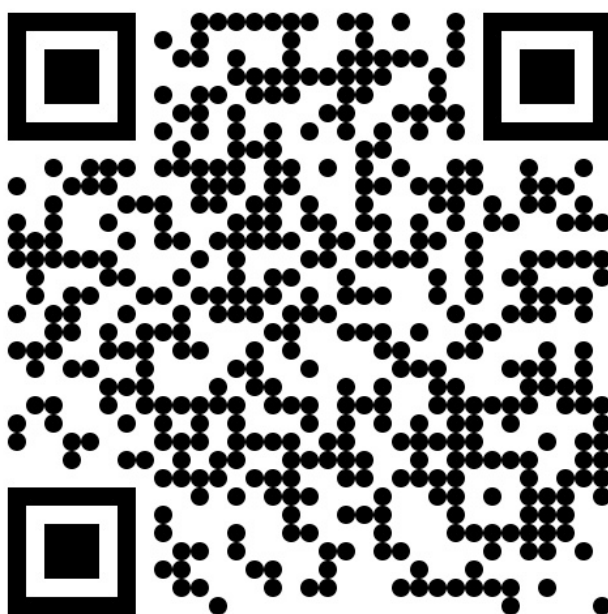
El País. (2026, 8 de abril). Minutas del BanRepública destapan los detalles detrás de la tensionante salida del Ministro de Hacienda. <https://www.elpais.com.co/economia/minutas-del-banrepublica-destapan-los-detalles-detras-de-la-tensionante-salida-del-ministro-de-hacienda-0847.html>

La República. (2026, 7 de abril). Inflación y expectativas, entre las razones del alza de 100 puntos a la tasa de interés por parte del Emisor. <https://www.larepublica.co/economia/inflacion-y-expectativas-entre-las-razones-del-alza-de-100-puntos-a-la-tasa-de-interes-por-parte-del-emisor-4365940>

**Observação: a pesquisa e a análise contidas neste relatório são exclusivas da 3+ Security Colombia. Portanto, recomenda-se não divulgar o documento em questão. A 3+Security Colombia Ltda., reserva-se o direito à interpretação que possa surgir por parte do leitor no exercício de revisão e visualização da informação apresentada.**



**SECURITY  
COLOMBIA**



**ESCANEIE E ACESSE OS  
EDITORIAIS COMPLETOS.**

Se deseja conhecer mais sobre nossos editoriais,  
análises geopolíticas e relatórios de risco, escaneie o  
código QR.

A segurança de que o mundo precisa